

## CONDIÇÕES ESTRUTURAIS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE BARRA DO CHOÇA NA PROMOÇÃO DO LETRAMENTO DIGITAL

Karina Dias<sup>1</sup>

Ronei Guaresi<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é trazer um levantamento bibliográfico sobre o letramento digital, e verificar se a escola, a principal agência do letramento, possui estrutura suficiente e necessária e se os professores estão capacitados para fornecer aos alunos esse novo tipo de letramento. Partindo da concepção de letramento a partir da visão de vários autores, o nosso trabalho tem o propósito de mostrar se uma escola pública de Barra do Choça oferece condições aos alunos na promoção do letramento digital. Por meio de uma conversa com um funcionário e alguns professores de Português da escola, foi possível verificar que aquela que deveria incentivar o letramento digital entre os alunos não possui condições para tal objetivo e que o professor, enquanto mediador nessa construção do letramento digital, não está preparado para lidar e explorar o mundo tecnológico em prol desse novo letramento.

**Palavras-chave:** Escola. Ensino. Gêneros digitais. Letramento digital.

**Abstract:** *STRUCTURAL CONDITIONS OF A PUBLIC SCHOOL OF BARRA DO CHOÇA IN THE PROMOTION OF DIGITAL LITERACY. The objective of this paper is to review the literature on digital literacy, and check if the school principal agency of literacy, has sufficient and necessary structure and whether teachers are able to provide students with a new kind of literacy. Starting from the concept of literacy from the perspective of various authors, our work aims to show whether a public school in Barra Shack offers conditions of students in promoting digital literacy. Through a conversation with an employee and some teachers of Portuguese school, we found one that should encourage digital literacy among students has no conditions for such purpose and that the teacher, as a mediator in this building digital literacy, not is prepared to handle and explore the technological world in favor of this new literacy.*

**Keywords:** *School. Education. Digital genres. Digital literacy.*

Atualmente, estamos cercados de novas tecnologias que cada vez mais vêm se evoluindo e transformando nossa maneira de ler, de escrever e de ver o mundo. Com essas transformações, os gêneros tradicionais também foram ganhando nova forma e hoje temos o que chamamos de gêneros digitais. A partir desse novo momento, surgiu também um novo tipo de letramento: o digital.

Querendo, ou não, estamos sempre em contato com os aparatos tecnológicos, desde o ato de pagar a passagem no ônibus com o cartão eletrônico até a utilização do computador no envio de algum email ou, como se tem feito habitualmente, de currículo

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

<sup>2</sup> Professor doutor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

através do site das empresas. Foi a partir dessas questões que buscamos nos informar sobre essa nova modalidade do letramento e se a escola, a principal agência do letramento, possui estrutura e condição necessárias para a promoção do letramento digital.

## **Letramento**

Para se falar sobre o letramento será preciso defini-lo. De acordo com Tfouni (1995, p. 31), o letramento “é um *processo* cuja natureza é *sócio-histórica*”. Soares (2004, p. 97) afirma que o letramento é “entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos.” De acordo com Kleiman (1995, p. 19), letramento é “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Como se pode observar através das definições acima, falar sobre o letramento implica falar de algo em continuação, isto é, como um processo, o letramento não é algo com um “prazo de validade”. Dessa maneira, o letramento é visto não como sinônimo da aquisição da língua escrita, mas como representação das práticas de leitura e escrita que se faz em um determinado contexto social.

Alguns autores, como Kleiman (1995), discutem que a alfabetização e o letramento não devem ser vistos como sinônimos, pois, ao contrário do letramento, a alfabetização se encerra quando uma pessoa já tenha aprendido o sistema escrito. No entanto, esses autores não descartam o fato de o letramento e a alfabetização estarem interligados. Soares (2004) vai além da ligação que esses conceitos têm afirmando que eles podem ocorrer simultaneamente, quando propõe aos professores que alfabetizem letrando.

Na escola, o letramento deve fazer parte do plano pedagógico através do ensino dos gêneros visando a prática social, e não o conteúdo, como eixo estruturante do ensino, isto é, fazer com que o aluno seja capaz não somente de reconhecer um gênero por sua estrutura, mas saber adequá-lo em diferentes situações sociocomunicativas,

afinal, saber como um gênero textual se estrutura, é diferente de saber escrever um (KLEIMAN, 2007).

## **Letramento digital**

Como vimos, o letramento é a apropriação progressiva pelo indivíduo de gêneros textuais. Esta apropriação é entendida como competência que o sujeito deve ter para que possa saber adequá-lo a uma dada situação comunicativa e utilizá-lo respeitando a macro e microestrutura. Nos dias atuais, uma parcela desses gêneros são os chamados digitais. Com o advento da internet e de novas tecnologias, o mundo começou a mudar. A maneira de ler e de escrever, as relações com as pessoas e o ensino-aprendizagem nas escolas também sofreram transformações ao longo dessa era digital. Foi a partir dessas transformações que surgiram os gêneros textuais chamados digitais.

Os gêneros textuais, provenientes da internet e dessa transformação tecnológica, mais conhecidos e recorrentes atualmente são os emails, chats, blogs (muitos autores o tratam como um suporte textual) e redes sociais. Eles fazem parte desse mundo digital em que precisamos estar conectados, já que, de certa maneira, toda essa tecnologia veio para facilitar a nossa vida, até mesmo a nossa comunicação.

A riqueza de textos, verbais ou não verbais, na internet, é grande e querendo, ou não, estamos sempre mantendo contato com esses textos nos sites, onde os textos numa página só são inúmeros. Essa grandeza de textos numa página só é o que convencionalmente se chama de hipertexto. Para Xavier (2010, pág. 208), o hipertexto é entendido como “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade.” De acordo com o autor, o hipertexto é a economia de leitura e escrita revolucionária, mas que não substitui o texto impresso. Em ambos, o leitor precisa não somente decodificar o que está escrito, como também, exigido por qualquer leitura, compreender além do que dizem as palavras. O que seria, então, o letramento digital?

---

Segundo Gama (2012), o letramento digital surgiu a partir dessa transformação tecnológica e acontece em ambiente virtual, permitindo a escrita, a leitura, a interpretação e, até mesmo, a interação via TDIC (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação). O letramento digital é, por nós, entendido como a apropriação gradativa pelo sujeito desses gêneros digitais, advindos dessa transformação tecnológica. Letrar digitalmente significa fugir da tradicionalidade trazendo para o universo do letramento aquilo que faz parte da atual realidade dos indivíduos.

De acordo com Xavier (2002), o letramento digital se relaciona à prática da leitura e da escrita em ambientes digitais. Nesse caso, como já dito, ser letrado digitalmente implica assumir mudanças na maneira de ler e de escrever textos verbais e não verbais, ou seja, ler e escrever de modo diferente textos que estavam nos papéis, mas que passam a ser vistos de uma tela de computador, celular ou tablet, que são suportes digitais.

Algo que é relevante e que pode ser observado com essas definições é que, nesse universo digital, faz-se preciso possuir alguns conhecimentos básicos sobre a tecnologia, uma vez que, criadas para facilitar o nosso cotidiano, elas estão por toda parte, desde o simples ato de pagar a passagem através do cartão eletrônico até o de mandar emails, acessar a internet etc.

### **Letramento digital na escola**

Nessa era cibernética, ser letrado digitalmente envolve muito mais do que saber manusear os aparatos tecnológicos, envolve, sobretudo, estar familiarizado com a leitura e escrita dos hipertextos e capacitado para se comunicar e interagir em ambientes digitais. Daí surge a questão proposta por Gama (2012): como e onde se adquirir o letramento digital?

De acordo com Velloso (2010), se ser letrado digitalmente vai além do domínio dessas novas tecnologias, o letramento digital, seria, então, uma questão de cidadania. Para a autora,

Na medida em que cabe também à escola a formação para a cidadania, ela deve buscar incorporar a heterogeneidade de linguagens que o computador pode oferecer; preparar o leitor para ler signos e símbolos presentes no

ambiente virtual para que ao explorar as multifaces que a tecnologia digital oferece, o aluno possa utilizar de maneira significativa os recursos do ambiente digital, fazendo emergir a autonomia, a cooperação e a curiosidade, rompendo com o tecnicismo e o instrucionismo que ainda prevalecem nas escolas. A aquisição do letramento digital seria uma necessidade educacional e de sobrevivência. (p. 35).

Sob essa ótica, Gama (2012) afirma que a escola, dentre outras, seria a principal agência de letramento. Conforme a autora, há muito receio da escola em utilizar a tecnologia na prática do letramento, pois muitos educadores veem a internet como a principal vilã da norma culta da língua, isto é, tem-se a ideia de que o maior contato dos alunos com as TDICs faz com que eles se apeguem demais ao internetês e não saibam adequar a língua nas diferentes situações sociocomunicativas. Entretanto, é na escola que o aluno aprende a fazer a certa adequação da língua, seja ela escrita ou falada. Tomando as palavras de Gama,

o internetês apenas representa uma nova modalidade da escrita, uma variação simplificada e econômica de realização da língua muito próxima da oralidade, exigida pela rapidez da comunicação, quase sempre síncrona e com pessoas com quem se mantêm uma relação de amizade com liberdade para tal, e não uma deturpação linguística. (2012, p. 07).

Desse modo, a escola deve aproveitar essa novidade digital e levar o aluno a conhecer as mais diferentes situações comunicativas próprias desse mundo digital que, inegavelmente está presente na vida desse aluno, introduzindo nele o conhecimento e o domínio discursivos, tornando-o não somente mais um reprodutor e sim um aluno que pesquise, questione, avalie etc.

No seu papel de agenciar o letramento digital, a escola deve proporcionar aos alunos um ensino contextualizado, que se adeque à atual realidade deles, bem como orientar o professor a levar o ensino de língua de forma a não desvalorizar aquilo que provém da internet e fazendo com que os alunos saibam aplicar o que está sendo aprendido dentro de um contexto social. Afinal, se se tornar letrado digitalmente é utilizar essas TDICs nas práticas sociais, o incentivo por parte da escola e dos professores nesse novo letramento não pode faltar ao aluno.

Vale ressaltar que a escola, mesmo sendo a principal agência do letramento, não é a única fonte principal na promoção do letramento digital. É preciso que o professor reconheça que isso também deve partir dele. Em outras palavras, se a escola deve

oferecer estrutura necessária e suficiente para que o aluno se torne letrado digitalmente, o professor deve ser o mediador na construção do letramento digital.

## **Metodologia**

Esta pesquisa foi idealizada a partir de um levantamento bibliográfico a respeito do letramento digital. Com o intuito de investigar se a escola, principal agência de letramento, possui estrutura necessária e suficiente e se o professor faz uso de estratégias para oferecer ao aluno o letramento digital, fomos a uma instituição de ensino em Barra do Choça para verificar se havia um espaço que favorecesse o letramento digital aos alunos. Além disso, conversamos com funcionários e professores para saber se há a utilização da sala de informática e, caso positivo, de que forma isso acontecia.

### **a) A escola**

O único critério para escolhermos a escola foi o de que ela possuísse uma sala de informática e professores disponíveis para uma conversa. Sendo assim, selecionamos uma escola pública de Barra do Choça que atende o ensino fundamental II, do 6º ao 9º ano (5ª a 8ª série). A sala de informática dessa escola possui de 8 a 10 computadores que, atualmente, são utilizadas somente para aulas de computação com os alunos do 9º ano, estes frequentavam as aulas informática em turno oposto ao das aulas tradicionais.

### **b) Os funcionários e os professores da escola**

Como queríamos saber como era o funcionamento da sala de informática na escola, conversamos com professores de Língua Portuguesa e com funcionários da instituição de ensino. Com tal objetivo, não houve critérios para selecionarmos essas pessoas, a única preocupação foi a de que eles soubessem nos informar a respeito da estrutura e da utilização dos computadores na prática do letramento digital.

Na conversa com um funcionário, perguntamos se havia uma sala de informática na escola e, como a resposta foi positiva, de que forma ela funcionava. Conforme nos

foi informado, a sala de informática é utilizada apenas pelo professor da área que dá aulas de computação para alunos que estudam o 9º ano e, raramente, para atender as necessidades da comunidade. No caso do curso de informática para os alunos da escola, as exigências para participação são estarem matriculados no 9º ano do turno oposto às aulas de computação e se inscreverem para tal atividade.

Em relação à utilização da sala de informática, como forma de facilitar o letramento digital para os alunos, os professores disseram que não o fazem, pois, segundo eles, dispersariam a atenção do aluno. Além disso, eles não têm a liberdade de levar os alunos à sala de informática, já que teria que primeiro ter autorização da coordenação da escola. Nesse caso, não seria falta de saber manusear as TDICs, já que teria o auxílio do professor de informática da escola e, mesmo sem disponibilidade para acesso diário, os outros professores mantêm contato com essas novas tecnologias.

## **Discussão**

Até aqui, vimos que o conceito da palavra letramento implica falar de algo contínuo, que vai além das habilidades de leitura e escrita e está presente nas práticas sociais. Também discutimos que, com as transformações tecnológicas, surge um novo tipo de letramento, o digital. Para que este novo letramento aconteça, é preciso que a escola tenha estrutura tecnológica suficiente e professores com intervenções pedagógicas capazes de promoverem esse tipo de letramento entre os alunos. Para Velloso (2010, p. 32), “a utilização de TDIC na escola e na sala de aula impulsiona a incorporação de diferentes formas de representação e comunicação de ideias”.

Sendo assim, quisemos saber se aquilo que a teoria propõe está sendo de fato colocado em prática. Entretanto, a partir da conversa com funcionário e professores da instituição de ensino do município de Barra do Choça percebemos o contrário. Aquela que deveria ser a principal agência do letramento não fornece, mesmo possuindo uma sala de informática, condições aos alunos de se tornarem letrados digitalmente. Isso acontece porque faltam professores que utilizem estratégias que desenvolvam nos alunos essa capacidade comunicativa dentro de um ambiente virtual.

Como fornecer o letramento digital aos alunos sem condições para isso? Como ficam os gêneros próprios do universo digital sem que o aluno tenha acesso a um

computador na escola? E mesmo àqueles que têm acesso aos computadores da escola, será que eles têm acesso a esses gêneros digitais?

A resposta para muitos desses questionamentos é negativa. Uma escola necessita de condições para promover o letramento digital entre os alunos e para isso não basta apenas ter uma sala de informática, ela deve facilitar o acesso dos alunos às TDICs e, conseqüentemente, aos gêneros digitais. Gama (2012) e Velloso (2010) também compartilham da ideia de que ser digitalmente letrado vai além de saber manusear essas novas tecnologias, isto é, ser letrado digitalmente é ser, sobretudo, capaz de interagir, informar e construir conhecimentos através desses ambientes tecnológicos. Sendo assim, o professor exerce papel fundamental na hora de utilizar a tecnologia na promoção do letramento digital entre os alunos, levando estratégias para o ensino que desenvolvam no aluno a capacidade de dominar os gêneros próprios do mundo digital.

Na nossa atual realidade, dificilmente encontramos algum aluno que não saiba mexer numa TDIC ou que não mantenha contato com uma fora da escola. Nesse caso, a única preocupação do professor de informática não deve ser somente o de ensinar o aluno a manusear um computador, uma vez que, provavelmente, ele já saiba fazer isso. Sobretudo, ele deve partir do que propõe Kleiman (2007): trabalhar com os alunos os diversos gêneros próprios do mundo digital objetivando a sua prática social e não somente a estrutura de cada um deles. Isso tornaria o aluno capaz de se interagir no mundo digital, de fazer leitura e escrita de hipertextos e, de fato, seria digitalmente letrado.

Na escola em questão existe uma sala de informática que só é utilizada pelos alunos que frequentam o 9º ano. Entretanto, percebemos que esses alunos que têm acesso aos computadores da escola não recebem “base” suficiente para se tornarem letrados digitalmente, pois o professor de informática está mais preocupado em mostrar como se manuseia essas novas tecnologias. Porém, batendo sempre nessa tecla de que o letramento vai além disso e partindo da definição de Xavier (2002) de que o letramento digital se refere às práticas de leitura e escrita em ambientes digitais, questionamos a atitude desse professor em impossibilitar esse novo letramento quando poderia explorar muito mais desse universo tecnológico e trabalhar os gêneros digitais.

Talvez essa falta de “vontade”, digamos, por parte do professor, em levar seus alunos para o mundo das tecnologias e dos gêneros digitais, seja fruto do seu receio de

que o aluno vai estar sempre apegado ao internetês, essa nova modalidade da língua escrita que veio para facilitar, abreviando a escrita das palavras, a comunicação virtual. Mas se pararmos para pensar, o aluno já mantém contato com gêneros digitais, como os chats, redes sociais etc., e nem por isso deixa de usar a norma culta nos seus textos tradicionais. Cabe ao professor ensinar a seus alunos que o internetês é uma variante da língua escrita que, como qualquer outra, também tem as suas adequações, mostrando-lhes as condições sociocomunicativas que se recomenda, ou não, utilizar essa variante.

Deu para perceber que ainda falta muito para que o letramento digital seja favorecido dentro da escola. Como já dito, a falta de estrutura é um problema para essa discussão, mas quando se tem sala de informática na escola isso somente basta para promover o letramento digital? Claro que não. Como vimos, o foco do ensino não está no letramento digital e, por isso, a prática deste não é realizado entre os professores de língua materna. Seria interessante refletir sobre esse (des)preparo por parte dos educadores e, como não falamos sobre esse tópico, deixamos como sugestão para outros estudos.

Trazer a tecnologia para o trabalho pedagógico é algo instigante e inovador. Repensar novas práticas envolvendo o mundo digital é algo que a escola deve fazer, uma vez que é inevitável não pensar num ensino-aprendizagem que se encaixe à realidade dos alunos. Sob esse ponto de vista, o professor poderia explorar esse universo digital mostrando aos seus alunos os principais recursos que a internet oferece, como a abertura de endereços eletrônicos, envio de emails, contato eletrônico com escritores, jornal eletrônico escolar, blog da turma, blog de compartilhamento de impressões de livros lidos, blog de críticas sobre as necessidades da comunidade, entre outros. Algumas dessas possibilidades quando criada pelos alunos, como os blogs, por exemplo, atenderia parte das necessidades e gostos da turma, além de permitir o contato desses alunos com diversos gêneros textuais presentes no mundo digital.

Para que tudo o que discutimos, com base na teoria, se torne significativo, destacamos a importância e a necessidade de os professores de Língua Portuguesa e informática trabalhem juntos na promoção do letramento digital. Se este só é possível quando o aluno possui o domínio dos gêneros digitais e a capacidade de se comunicar em ambientes virtuais, é evidente a relação que essas duas disciplinas devem ter.

## Considerações finais

No decorrer deste trabalho, o nosso objetivo foi falar da importância que o letramento digital tem na formação das pessoas enquanto cidadãos e do dever da escola, como principal responsável pela formação da cidadania, em promovê-lo entre os alunos. Nesse sentido, é importante que a escola, assim como os professores, tenham condições de fazer com que o aluno se torne letrado digitalmente.

A escola enquanto principal agência do letramento deveria fornecer aos alunos condições para o letramento digital. Além disso, o professor enquanto mediador da comunicação entre os alunos deveria levar para a sala de aula o domínio discursivo como principal objetivo desse novo tipo de letramento. No entanto, como constatado, essa prática ainda vive somente na teoria. Seria preciso rever o planejamento pedagógico da escola e as estratégias de ensino utilizadas pelo professor, uma vez que, pelo que discutimos, o letramento digital, algo tão importante para o aluno enquanto cidadão, não é o enfoque pelo atual ensino.

Se o mundo está cada vez mais tomado pelas novas tecnologias, é relevante que os educadores levem para a sala de aula métodos e materiais que se ajustem à atual realidade dos alunos, pois, como constatado, os alunos estão cada vez mais ligados aos aparatos tecnológicos. Esse avanço tecnológico vem mudando a nossa maneira de ver o mundo e, conseqüentemente, de ler e escrever. Dessa forma, cabe à escola e ao professor trazer formas de incentivo que possibilite aos alunos se tornarem digitalmente letrados.

## Referências

GAMA, A. M. O letramento digital e a escola como sua principal agência. Revista Memento, ano V. 3, n. 1, jan.-jul. 2012. Revista do Mestrado em Letras *Linguagem, Discurso e Cultura* – UNINCOR.

KLEIMAN, A. Modelo de Letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: Kleiman A. B. (Org). *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

SOARES, M. Alfabetização e letramento: caminho e descaminhos. *Revista Pátio*, ano VII, n° 29, fev./abr. 2004.

TFOUNI, L. V. Perspectivas Históricas e A-históricas do Letramento; Escrita, alfabetização e letramento . In: TFOUNI, L. V. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1995.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luis Antônio. XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Cortez Editora: São Paulo, 2010.

\_\_\_\_\_. *Letramento digital e ensino*. 2002. Disponível em: <[www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf](http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf)> Acesso em: 05 ago. 2011.

VELLOSO, M. J. M. *Letramento digital na escola: um estudo sobre a apropriação das interfaces da Web 2.0* / Maria Jacy Maia Velloso. Belo Horizonte, 2010.